



EROS E TÂNATOS NA ENCRUZILHADA DA CIVILIZAÇÃO: UMA RELEITURA FRANKFURTIANA DA TEORIA DAS PULSÕES EM FREUD

EROS Y TÁNATOS EN LA ENCÍCLICA DE LA CIVILIZACIÓN: UNA
RELECTURA FRANKFURTIANA DE LA TEORÍA DE LOS IMPULSOS EN FREUD

EROS AND THANATOS AT THE CROSSROADS OF CIVILIZATION:
A FRANKFURTIAN REREADING OF FREUD'S THEORY OF DRIVES

Otávio Barra Vianna Vital¹
Elizabeth Fátima Teodoro²
Wilson Camilo Chaves³

RESUMO: Este artigo discute a releitura de alguns autores da Escola crítica de Frankfurt sobre os conceitos freudianos de pulsão, Eros e Tânatos; princípio do prazer e princípio de realidade, bem como o ponto de intersecção desses conceitos frente ao advento da civilização. O tensionamento entre essas releituras epistemológicas apresenta ricas inferências acerca da constituição subjetiva por sobressair-se diante de um rico aporte teórico que enlaça tanto o campo individual, do particular, quanto o todo social em que se insere. Para tanto, pauta-se na metodologia baseada na revisão bibliográfica dos textos de Freud e de Adorno, Horkheimer e Marcuse, sem desconsiderar importantes comentadores. Na verificação de um impulso hostil inerente aos sujeitos e à própria cultura, a presente pesquisa vale-se da articulação de aspectos constituintes do humano, como o prazer e o medo, para que se alcance um vislumbre em torno do traço psíquico da agressividade em seu sentido destrutivo, violento; mas que também testemunha grande força frente à repetição diferenciada, o esforço em manter a ligação entre os homens. Compreendendo os aspectos destrutivos incidentes na constituição humana, torna-se possível perceber de que maneiras o princípio de realidade pode vir a ser firmado em restrições suscetíveis à barbárie, ao empobrecimento dos homens e a apreensão irracionalizada da realidade objetiva.

PALAVRAS-CHAVE: Pulsões; Eros; Psicanálise; Cultura.

RESUMEN: Este artículo discute la reinterpretación de algunos autores de la Escuela crítica de Frankfurt sobre los conceptos freudianos de pulsión, Eros y Tânatos; el principio del placer y el principio de realidad, así como el punto de intersección de estos conceptos frente al advenimiento de la civilización. El tensionamiento entre estas reinterpretaciones epistemológicas ofrece ricas inferencias sobre la constitución subjetiva, destacándose en medio de un rico marco teórico que abarca tanto el campo individual y particular como el todo social en el que está inserto. Para ello, se basa en la metodología de revisión bibliográfica de los textos de Freud, así como de Adorno, Horkheimer y Marcuse, sin dejar de lado a comentaristas importantes. Al examinar un impulso hostil inherente a los individuos y a la propia cultura, la presente investigación se vale de la articulación de aspectos constituyentes del humano, como el placer y el miedo, para vislumbrar el rasgo psíquico de la agresividad en su sentido destructivo y violento, pero también como testigo de una gran fuerza frente a la repetición diferenciada, el esfuerzo por mantener la conexión entre los hombres. Comprendiendo los aspectos destructivos incidentes en la constitución humana, se hace posible percibir de qué manera el principio de realidad puede llegar a ser establecido.

¹ Licenciado em Letras pela Universidade Estácio de Sá. Discente do curso de graduação em Psicologia pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), bolsista de iniciação científica pela FAPEMIG no projeto de título “A dialética das pulsões: uma leitura psicanalítica e crítica sobre a incidência das pulsões e da cultura no conto “Transformações”, de Caio Fernando Abreu”. otavio.barravianna@gmail.com

² Psicóloga clínica pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Mestre e Doutoranda em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei (PPGPSI/UFSJ). elektraliz@yahoo.com.br

³ Doutor em Filosofia pela UFSCar-SP. Pesquisador e docente no Departamento de Psicologia e PPGPSI da UFSJ. Orientador do projeto “A dialética das pulsões: uma leitura psicanalítica e crítica sobre a incidência das pulsões e da cultura no conto “Transformações”, de Caio Fernando Abreu”. Membro do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Psicanálise - NUPEP do Departamento de Psicologia UFSJ. camilo@ufsj.edu.br

do en restricciones susceptibles a la barbarie, al empobrecimiento de los hombres y a la aprehensión irracionalizada de la realidad objetiva.

PALABRAS CLAVE: Pulsiones; Eros; Psicoanálisis; Cultura.

ABSTRACT: This article discusses the reinterpretation of some authors from the Frankfurt School on Freudian concepts of drive, Eros, and Thanatos; pleasure principle and reality principle, as well as the intersection of these concepts in the face of civilization's advent.

The tension between these epistemological reinterpretations yields rich inferences about subjective constitution, standing out amidst a rich theoretical framework that encompasses both the individual, particular field, and the social whole in which it is embedded. To do so, it relies on the methodology based on the bibliographic review of texts by Freud and by Adorno, Horkheimer, and Marcuse, without disregarding important commentators. In examining an inherent hostile impulse within individuals and culture itself, the present research relies on the articulation of constituent aspects of the human, such as pleasure and fear, to glimpse around the psychic trait of aggression in its destructive, violent sense; but which also witnesses great force in the face of differentiated repetition, the effort to maintain connection among men. Understanding the destructive aspects incident in human constitution, it becomes possible to perceive in what ways the reality principle may come to be established in constraints susceptible to barbarism, impoverishment of men, and the irrationalized apprehension of objective reality.

KEYWORDS: Drives, Eros, Psychoanalysis, Culture.

1 INTRODUÇÃO

Se a própria inauguração da psicanálise se estabelece frente a tentativa de uma cura pelas vias do amor, como mencionado por Freud em uma carta destinada a Jung em 6 de dezembro de 1906, não diferentemente a sexualidade elevaria-se à matéria prima do desejo inconsciente. Na mesma carta em que se encontra escrito tal pilar da teoria psicanalítica, Freud também ressalva o modo com que as neuroses se determinam pela história de amor dos sujeitos (MCGUIRE, 1976). Acerca disso que assola a humanidade em seu âmago, a psicanálise nos introduz a irreconciliável contradição entre as pulsões; o princípio de ação, autoconservação e renovação da vida encontra-se em oposição ao de caráter destrutivo, irremediável, de morte em vida, sendo ambos sobrepostos, ambivalentes e duplamente ativos.

Por esse viés, Freud (1920/2010) aponta para a compulsão à repetição como originada de um impedimento primário de realização do desejo, pois o “primeiro florescimento da vida sexual infantil estava fadado ao declínio. [...] A perda do amor e o fracasso deixaram atrás de si um dano permanente na autoestima, em forma de ferida narcísica” (p. 133). Mais tarde, em “O mal-estar na civilização”, Freud (1930/2010) retoma o aparelhamento das pulsões justapondo-as à mitificação de Eros e Tânatos⁴ e assevera: “nunca estamos mais desprotegidos ante o sofrimento do que quando amamos, nunca mais desamparadamente infelizes do que quando perdemos o objeto amado ou seu amor” (p. 26).

⁴ Embora Freud não utilize em sua obra a demarcação mítica de Tânatos para designar a pulsão de morte, este representante é eleito pelos críticos de Frankfurt por se tratar da divindade da morte propriamente dita, de acordo com a mitologia grega; enquanto a utilizada pelo psicanalista – Ananké – refere-se à mãe das Moiras, caracterizando-se como necessidade, luta pela preservação da vida.

Este artigo, resultado parcial de uma iniciação científica, tem como objetivo explorar a intersecção entre as teorias psicanalíticas de Sigmund Freud, especialmente sua teoria das pulsões, e as críticas culturais e sociais propostas pela Escola de Frankfurt. Pretende-se analisar como os conceitos freudianos de Eros e Tânatos são reinterpretados e aplicados pelos teóricos da Escola de Frankfurt para compreender as dinâmicas culturais e sociais contemporâneas. Através de uma abordagem interdisciplinar, o estudo buscará entender as implicações das teorias das pulsões na crítica da racionalidade moderna e na concepção de subjetividade, assim como na crítica à estrutura social capitalista. O objetivo é elucidar as contribuições e os desafios que a integração dessas perspectivas teóricas apresenta para os estudos psicanalíticos, culturais e sociais, promovendo uma reflexão crítica sobre o mal-estar na cultura contemporânea e as possibilidades de resistência e transformação.

Em sua obra monumental de 1930, “O mal-estar na civilização”, Freud retoma o embate entre as possibilidades de gratificação dos desejos primários e sua renúncia frente a pressão externa das relações sociais e do mundo. Para o psicanalista vienense, as demandas externas ao sujeito, em conjunto à fragilidade do corpo, sobrepõem o princípio de prazer erigido pelas experiências primeiras de satisfação e as substituem pelo princípio de realidade na tentativa de que seja alçada sobre o sujeito certa proteção ao sofrimento, mesmo que o custo para tal seja o sacrifício das potencialidades de fruição; num esquema econômico do desenvolvimento do psiquismo, busca-se o adiamento da satisfação em prol da comunhão, embora a mesma não se perca de vista (BRUMANO, 2022, p. 114).

Diante do exposto, percebe-se que a intersecção entre a teoria das pulsões de Freud e sua releitura pela Escola de Frankfurt permite uma vasta rede de representações acerca dos aspectos que mobilizam a existência da própria psicanálise e do convívio dos homens. O embate entre Eros e Tânatos, a compulsão à repetição e a renúncia primária das forças eróticas a favor da conservação do organismo e da coletividade, mesmo que amplamente discutidos, encontram-se ainda no centro do debate contemporâneo, como pode-se ver no cotidiano clínico e mesmo nas demais expressões humanas, como na arte, na literatura e na própria ciência.

Desse modo, objetiva-se discutir a releitura de alguns autores da Escola crítica de Frankfurt sobre os conceitos freudianos de pulsão, Eros e Tânatos; princípio do prazer e princípio de realidade, bem como o ponto de intersecção desses conceitos frente ao advento da civilização. Nesse sentido, busca-se verificar as aproximações e distanciamentos, impasses e possibilidades de elaboração aos estados de barbárie, embrutecimento e violência desnecessária; examinar o modo com que a psicanálise concebe o desenvolvimento pulsional dos sujeitos para que se torne possível, cada vez mais e historicamente, precaver à experiência humana

uma repetição diferenciada em detrimento da repetição mesma, favorável aos princípios de dominação (FRANCISCATTI, 2005). Para tanto, a pesquisa pauta-se na metodologia baseada na revisão bibliográfica dos textos de Freud e de Adorno, Horkheimer e Marcuse, sem desconsiderar importantes comentadores.

Acredita-se que a relevância desta investigação reside em sua capacidade de articular conceitos psicanalíticos fundamentais com a crítica cultural e social, fornecendo uma análise epistemológica das dinâmicas subjacentes à civilização contemporânea. Ao explorar como a Escola de Frankfurt reinterpretou e aplicou as noções freudianas de Eros (a pulsão de vida) e Tânatos (a pulsão de morte) para entender a sociedade moderna, o estudo oferece *insights* valiosos sobre o mal-estar cultural e as potenciais vias para sua elaboração.

Essa abordagem interdisciplinar enriquece não apenas o campo da psicanálise, ao entender sua aplicabilidade para além da clínica e adentrar questões sociais e culturais, mas também contribui para os estudos culturais e sociais, ao incorporar uma dimensão psicanalítica na análise das estruturas de poder, da repressão e da resistência dentro da civilização moderna. Além disso, ao examinar a intersecção entre os conceitos de prazer e realidade frente aos desafios impostos pela civilização, o artigo destaca a permanente tensão entre os impulsos individuais e as demandas coletivas, oferecendo um quadro teórico para entender as fontes de conflito e descontentamento na contemporaneidade.

A relevância do artigo se estende também à sua contribuição para debates atuais sobre a natureza da agressividade humana, o papel da cultura na formação da subjetividade e as possibilidades de transformação social. Por fim, ao sugerir uma reflexão crítica sobre como superar os impasses diagnosticados, o texto busca servir-se como um chamado à ação para pesquisadores, teóricos e praticantes interessados em promover uma sociedade mais equitativa e compreensiva, na qual as potencialidades humanas para a cooperação e a fruição da vida possam ser plenamente realizadas.

2 ENTRE EROS E TÂNATOS OU “ALÉM DO PRINCÍPIO DO PRAZER”

Em posse do que foi exposto, tem-se que a psicanálise freudiana emerge como possibilidade epistemológica de aproximação ao campo destrutivo da atividade humana. Em sua canônica obra “Além do princípio do prazer”, Freud (1920/2010) retoma a temática da compulsão à repetição como fundamento de explicação para o que seria para ele a pulsão de morte. Ao notificar a existência de algo mais primitivo, elementar e pulsional que o próprio princípio do prazer, o fundador da psicanálise contraria sua formulação inicial em torno da pulsão – a

de que a mesma impele o sujeito à mudança e submete-o à produção de diferenças; e afirma seu caráter conservador de repetição continuamente estimulado por um impulso de retorno ao estado inorgânico do ser (GARCIA-ROZA, 1986). Acerca dessa natureza repetitiva, diz o psicanalista vienense: “se todos os instintos orgânicos são conservadores, historicamente adquiridos e orientados para a regressão, o restabelecimento de algo anterior, temos de pôr os êxitos do desenvolvimento orgânico na conta de influências externas, perturbadoras e desviantes” (FREUD, 1920/2010, p. 149).

Nesse ínterim, a pulsão se eleva fundamentalmente a uma forma de perversão do instinto ao passo em que se desvia da meta primária de autoconservação instaurada pelas primeiras experiências de satisfação da criança. Diferentemente da atualidade, a humanidade já se encontrou num modo de vida mais breve e facilmente mortal, o ser vivo elementar não precisaria ir além dos desígnios de sua estrutura neuroquímica (FREUD, 1920/2010). Como se “aquilo a que chamamos de vida consistisse num impulso anárquico produtor de encontros ao acaso” (GARCIA-ROZA, 1986, p. 18), a desnaturalização da pulsão – inibição ao objetivo inicial – tornara-a para sempre parcial, fazendo com que apenas sua reminiscência fantasmática, a ideia, presentifique-se no psiquismo, resultado de uma estratificação mais elevada deste frente ao adiamento dessas formas de satisfação. Erige-se, assim, o “princípio de realidade”.

A dinâmica resultante do avanço epistemológico da teoria das pulsões de Freud é mais amplamente discutida na obra “Acaso e repetição em psicanálise” de Garcia-Roza (1986). Nela, o autor tensiona os postulados freudianos em torno do que nos faz viver e morrer, recordando-nos de que a pulsão se encontra na fronteira entre o psíquico e o somático, o que a impede de ser elencada numa dimensão de um estatuto metafísico regulador dos termos. Isso quer dizer que não se trata de uma matéria inabordável pela ciência, por exemplo, mas de um *conceito* do qual pode-se dizer tanto do ponto de vista do corpo, quanto através do registro psíquico, uma vez que apresenta nesses âmbitos tanto a sua fonte quanto seu objetivo. Nesse sentido, Garcia-Roza salienta o caráter simbólico da pulsão ao entendê-la como naturalmente capaz de atingir uma ampla especificidade de objetos providos pela cultura, dado o fato de nela também se realizar.

Desse modo, a compulsão à repetição é o que se destaca em reminiscência à satisfação primária irretornável, mesmo que não seja de todo abandonada pelo sujeito (FREUD, 1920/2010). Como num “jogo amoroso que constitui a ligação de Eros com um passado reencontrado” (GARCIA-ROZA, 1986, p. 44), a repetição constitui-se através do sexual do sujeito, significando-o então. Ela o é, em origem, uma repetição mascarada do ponto no qual se deu qualitativa e quantitativamente o diferencial prazer-desprazer. Para Freud (1920/2010), a

própria transformação organizadora de prazer em princípio é exercida pelo aparelho psíquico na tentativa de prover um estado de integração, em oposição à pura dispersão de energia. Acerca desse modo com que a psicanálise concebe o processo de subjetivação humana, Garcia-Roza (1986) nos convida a pensar seu caráter hipotético. Como ocorre na física, ele nos diz:

É a partir do aparelho psíquico já constituído que Freud pensa esse estágio inicial anárquico. Tal como na física, onde a concepção de um estado caótico de pura dispersão de energia só pode ser feita recorrentemente a partir de um sistema já estruturado, também em psicanálise, esse momento inicial é uma ficção teórica, não tendo como referente um momento real da gênese do aparelho psíquico. (GARCIA-ROZA, 1986, p. 48).

Com isso, tem-se um primeiro esboço da organização do Id por antever dele as ligações anteriores à própria transformação do prazer em princípio (GARCIA-ROZA, 1986, p. 48). Além disso, o autor também ressalva que essa forma de emprego da ideia de ligação pulsional não é unívoco. O que interessa ao psicanalista vienense no momento em que elabora “Além do princípio do prazer” (FREUD, 1920/2010), contudo, é a maneira com que tais ligações – dadas pelo impedimento do livre escoamento de energia – atuam na estruturação das fantasias primárias e, conseqüentemente, nos modos com que a fixação⁵ e a compulsão à repetição vêm a se instaurar no sujeito, não sob a forma de um princípio unificador, mas sobre as sínteses passivas – ligações – em que o ego se apoiará na formação inicial. Ou seja, a própria pulsão auto-erótica antecede-o: “a sexualidade humana é, essencialmente, disfarce. Isto quer dizer que a repetição não é representação, a máscara não representa um objeto, ela significa algo” (GARCIA-ROZA, 1986, p. 51).

Considerando este aspecto estilizado⁶ da sexualidade, é daí que resulta a máxima freudiana de que “o organismo pretende morrer apenas a seu modo” (FREUD, 1920/2010, p. 150), visto que o caráter repetitivo da pulsão, orientado pela autoconservação inerente à vida, busca a restauração de um estado inorgânico, evitando a morte não natural. Entretanto, nessa mesma obra Freud assevera que a repetição a que se refere é a repetição ausente de um caráter diferencial. Aqui, é a repetição do mesmo, do idêntico, que lhe interessa; a que escapa dos

⁵ Diante da passagem dialética entre instinto e pulsão, Garcia-Roza (1986, p. 18) nos recorda de que, em se pensando o aspecto “natural” do instinto, a fixação nada mais é que a manifestação de combinações pulsionais; a formação de padrões de comportamento responsáveis pela manutenção de formas complexas no sentido da autoconservação “natural” do organismo.

⁶ Mesmo que o sujeito não abra mão de realizar totalmente as demandas do princípio de prazer frente ao princípio de realidade, o caminho dessa irrealização varia de acordo com sua constituição psíquica: os narcisistas buscam satisfação em seus próprios eventos psíquicos internos e os predominantemente eróticos, por outro lado, buscam maior satisfação nas relações afetivas (FREUD, 1920/2010).

designios resultantes do conflito prazer-desprazer, mas que ainda assim persiste no psiquismo um alto grau pulsional.

No caso das crianças, por exemplo, essa repetição dispensa o conflito com o princípio do prazer, ainda que a experiência lhe seja desagradável (FREUD, 1920/2010). Em se tratando de boas experiências, como a de ouvir uma boa estória, a criança recusa a diferenciação ao reivindicar o idêntico, mesmo que tais mudanças busquem melhorar a narrativa (GARCIA-ROZA, 1986, p. 26). No caso dos adultos, por outro lado, a novidade se estabelece em condição para o prazer, como ocorre na diminuição do contentamento ao ouvir a mesma piada ou história pela segunda vez. Para Garcia-Roza, o que ocorre na compulsão à repetição de experiências traumáticas por parte dos adultos é que essa repetição não satisfaz, em nenhum aspecto, as demandas do princípio do prazer, mas mantém seu caráter pulsional. Ou seja, tal como nos rituais obsessivos, em que a repetição se mostra desnuda, repetição do mesmo, a pulsão de morte serve de alimento para a mesma.

Para Garcia-Roza (1986), é em posse desse caráter destrutivo da pulsão, incongruente ao princípio de prazer, que Freud concebe a ambivalência entre Eros e Tânatos; um campo pulsional que se situa de fato “além do princípio do prazer”. Tal como num limite da palavra, a pulsão de morte justapõe-se à própria vida e, assim, não designa inteiramente a morte literal, pois “é do vivido humano que a psicanálise trata, e se há algo nesse vivido que impele o homem a sair dos limites da vida é ainda do vivido que estamos falando” (GARCIA-ROZA, 1986, p. 94). Além disso, o comentador de Freud também salienta o cuidado por detrás de uma interpretação dualista em torno das pulsões bastante comum: a de que a pulsão poderia ser, em si mesma, pulsão de vida ou pulsão de morte. Para ele, o dualismo pulsional pode ocorrer sem que seja lido necessariamente como um dualismo ontológico, visto que a distinção resulta apenas de uma organização desse campo pulsional, implicando em “modos de ser” da pulsão, e não numa expressão unívoca de um polo ou de outro.

Em síntese, os “guardiães da vida também foram, originalmente, guardiães da morte” (FREUD, 1920/2010, p. 150), dada a meta final do organismo de retorno ao estado inorgânico, ainda que a seu próprio modo, em recusa à morte não natural. O que essa luta entre Eros e Tânatos revela, portanto, é que a pulsão objetiva a eliminação total de tensões, ora pela via da rememoração da experiência de satisfação absoluta, um retorno àquele estado; ora pela via da destruição do organismo. Para Freud, sendo o domínio do princípio de realidade dado de um modo não absoluto – conservando as reminiscências do que lhe é por excelência prazeroso, sexual, erótico; o que implica na economia libidinal entre tais modos de ser da pulsão, é que o

prazer assume então um caminho mais distante, indireto, vacilante frente à realização (BRUMANO, 2022). Nas palavras de Freud (1920/2010, p. 177):

Com a tese da libido narcísica e a extensão do conceito de libido às células individuais, o instinto sexual transformou-se para nós em Eros, que busca impelir uma para a outra e manter juntas as partes da substância viva, e os instintos comumente chamados de sexuais apareceram como a porção desse Eros voltada para o objeto. Segundo nossa especulação, esse Eros atua desde o começo da vida e surge como “instinto de vida”, oposto ao “instinto de morte”, que se originou pela animação do inorgânico.

Será em posse disso, mais adiante, que o próprio psicanalista retomará esse componente de constituição do Eu, a pulsão, em seu caráter ambivalente e de implicações coletivas. Para Freud (1930/2010), o alcance de uma proteção ao sofrimento pelas vias do princípio de realidade perante a comunhão aos pares lança-se pelo sacrifício da fruição libidinal. Em “O mal-estar na civilização” (FREUD, 1930/2010), a tese freudiana reafirma esse sacrifício como um fundamento para o estabelecimento da cultura, ainda que um impulso selvagem proporcione maior prazer ao ser saciado do que em relação a um impulso domesticado pelo Eu (BRUMANO, 2022).

Mas, para além disso, também verifica a existência de um impulso hostil a ela própria, uma vez que a abdicação dessas formas de fruição da libido em prol do trabalho e da necessidade de sobrevivência em comum são insuficientes para promover a ligação das massas (FREUD, 1930/2010). O diferencial prazer-desprazer, a compulsão à repetição e os modos eróticos e destrutivos da pulsão emergem-se, assim, em seu caráter socialmente organizador. Tendo a meta originária da pulsão de vida desviado da mera conservação e procriação para outros níveis das relações sociais, Freud (1930/2010, p. 41) prevê o “poder do amor” como uma saída para o desenvolvimento hostil da civilização.

Acerca disso, Freud (1930/2010) salienta um aspecto comumente observado em sociedades de elevado grau de desenvolvimento, o da valorização de atividades cujo íterim não se dão pelas vias da experiência primariamente biológica, de necessidade, mas em âmbitos psíquicos mais elevados, como nas realizações artísticas, científicas e ideológicas. Tal como acontece no desenvolvimento libidinal do sujeito, o processo civilizatório muitas vezes se assemelha, por exemplo, ao mecanismo sublimatório do psiquismo, tendo em mente o deslocamento das metas pulsionais. A economia desse arranjo, contudo, não deixa de levar em conta o que Freud nomeou “impulso à liberdade”; uma parcela pulsional do sujeito impassível de ser domesticada, composta de resíduos de uma personalidade original, anterior à civilização.

Não diferentemente, a questão de uma compensação capaz de dar cabo de uma sustentação da vida castrada, ainda que em grupo, é posta à mesa.

Para Freud (1930/2010, p. 41), “Eros e Ananke tornaram-se também os pais da cultura humana”, ao passo em que os preceitos do tabu instituíram nela um duplo fundamento frente à pressão externa: a compulsão ao trabalho e o poder do amor. Segundo o psicanalista, a pressão, enquanto elemento de ligação das massas pela via da limitação das gratificações pessoais, eclode na exigência cultural de cumprimento de uma ordem legal cujas regras não podem ser violadas em prol de um indivíduo, por isso, nas palavras de Freud, “a liberdade individual não é um bem cultural” (p. 38). Tal afirmação, sob a ressalva de não se tratar de um valor ético individual, aponta para a reiteração da vontade da comunidade em primazia a do sujeito, uma alternativa ao uso da força bruta. Bem como nos faz lembrar da peleja humana em torno da busca por um possível equilíbrio entre as demandas pessoais e coletivas, conforme Freud, o impulso à liberdade pode vir a pender tanto para a reivindicação de melhores condições para a cultura, quanto em contrariedade a ela. Frente ao impasse, ele assevera:

Ainda antes, em sua pré-história antropeide, ele [o indivíduo] havia adotado o hábito de construir famílias; os membros da família foram provavelmente os seus primeiros ajudantes. É de supor que a formação da família relacionou-se ao fato de a necessidade de satisfação genital não mais se apresentar como um hóspede, que surge repentinamente e após a partida não dá notícias por muito tempo, mas sim estabelecer-se duradouramente como um inquilino. (FREUD, 1930/2010, p. 40).

Nesse sentido, as relações sociais em geral também podem apresentar às pessoas – dado traço psíquico tendenciado à agressividade – uma figuração da relação com o outro que não se dá unicamente como objeto sexual, colaborador, mas como um objeto capaz de satisfazer essa tendência. Lembrando-nos da limitação de suposições acerca de uma natureza branda da humanidade, Freud (1930/2010) também pontua que o outro pode ser posto como alguém para “explorar seu trabalho sem recompensá-lo, para dele se utilizar sexualmente contra a sua vontade, para usurpar seu patrimônio, para humilhá-lo, para infligir-lhe dor, para torturá-lo e matá-lo” (p. 49). Para ele, é nesse ponto que a pulsão de morte se eleva como o mais poderoso obstáculo à cultura, podendo resultar em estados de barbárie similares ao já experimentados pela humanidade, como o holocausto.

Com isso, Freud (1930/2010) sugere que a cultura deve explorar todos os meios possíveis para que os indivíduos não se estendam a um estado facilmente contagioso de tendência destrutiva. Em uma obra anterior, de título “Psicologia das massas e análise do Eu” (1921/2011), o psicanalista exemplifica a hostilidade contagiosa através da ideia de “narci-

sismo de pequenas diferenças”, cuja explicação é o caminho sob o qual há um direcionamento da agressividade para grupos minoritários. Tendo algumas culturas seguido esses padrões permissivamente, a pulsão de morte pode ter encontrado satisfação nessas formas de agressividade. Em sua releitura da obra freudiana, Brumano (2022, p. 116) nos diz que:

Na teoria de Freud, a oposição entre natureza e cultura é algo insolúvel. A cultura exige o sacrifício tanto da sexualidade quanto do impulso agressivo das pessoas, e, ainda que a sociedade passe por reformas que permitam uma melhor satisfação das necessidades pulsionais, há perigos que são inerentes à cultura – a ‘miséria psicológica da massa’. [...] A massa é guiada pelos instintos inconscientes cegos e nem mesmo os interesses de autopreservação podem frear seu ímpeto, em uma massa a noção de impossível desaparece para o indivíduo. A massa é acrítica, inclinada a todos os extremos e facilmente influenciável por uma individualidade com capacidade de liderança.

De modo geral, a intrincada luta entre Eros e Tânatos aponta para os polos opostos, ainda que ambivalentes, de progresso ou desintegração da sociedade. Dentre os apontamentos às possíveis saídas ao que obsta o desenvolvimento da cultura, Freud (1930/2010, p. 77) inclui até mesmo a possibilidade de uma mudança verdadeira nas relações das pessoas com a propriedade privada como de maior proveito do que qualquer mandamento ético.

A tese freudiana em “O mal-estar na civilização” (FREUD, 1930/2010) nos mostra que, frente ao tensionamento entre indivíduo e sociedade, é preciso uma certa regulação na repreenda pulsional, pois, sofrendo o Id de uma repressão excessiva, pode-se produzir mais neurose ou mesmo rebelião. Por outro lado, ao mesmo passo em que se recorre a Eros para que haja um esforço de ligação entre os pertencentes de uma cultura – em negação aos estados de barbárie, deve-se lembrar de que esse mesmo elemento que promove a conservação, em substância, é o mesmo que advém da meta de felicidade outrora estabelecida pelo princípio de prazer. Ou seja, para o psicanalista, mesmo a gratificação de Eros, se ligada à satisfação das tendências agressivas primárias, pode resultar na derrocada da cultura.

3 “AQUÉM DO PRINCÍPIO DO PRAZER”: RELEITURAS POLÍTICAS DA TEORIA DAS PULSÕES

Ainda em se tratando de uma agressividade contida na cultura, como exposto por Freud (1930/2010) em “O mal-estar na civilização”, essa forma de hostilidade aponta para o desassossego que assola o íntimo dos seres humanos em grande parte. Tendo os homens acessado dado controle das forças da natureza, o próprio psicanalista reconhece a possibilidade de um uso do medo e da infelicidade em favor ao extermínio. Para ele, “a questão decisiva para a

espécie humana é saber se, e em que medida, a sua evolução cultural poderá controlar as perturbações trazidas à vida em comum pelos instintos humanos de agressão e autodestruição” (p. 79). Em posse disso, no curso do pensamento em torno da cultura, esses postulados da psicanálise freudiana são retomados pela escola crítica de Frankfurt de modo que esta retomamos não como uma influência, mas como interioridade constitutiva capaz de permiti-la pensar seu objeto (ROUANET, 1978). Desse modo, se a teoria crítica o é enquanto crítica à cultura e à ideologia, o freudismo – como vêm a nomear alguns autores da área, é parte constituinte dela.

Em posse do que os teóricos críticos da cultura, Adorno e Horkheimer, expuseram em “Dialética do esclarecimento” (1944), Franciscatti (2005) destaca que o esclarecimento não denota o sentido utilizado como nas filosofias iluministas, de que se trataria de um movimento histórico de determinada época, mas como um processo pelo qual as pessoas se libertam do que há de mítico na apreensão da natureza pelos sujeitos. Nesse sentido, a autora, ao assemelhar o esclarecimento ao processo histórico de formação do homem, revela os modos com que a mesma tensão que propulsiona a emancipação humana frente à natureza e à dominação é também a mesma que a aprisiona (p. 12). Para ela, em consonância aos frankfurtianos, é possível que se resgate através da história os elementos regressivos que atravessam e atravessaram o processo emancipatório, tornando possível que se encontre, “em épocas anteriores, o germe ou o protótipo do que compõe o momento atual, bem como as possibilidades traídas, sustadas e esquecidas de resistência e realização de algo diferente” (p. 13).

Em se pensando a cultura, a sociedade e o indivíduo, a relação homem, natureza e história emerge, para os frankfurtianos, em base materialista, como possibilidade de verificação ao empobrecimento dos homens frente a uma sociedade que obsta a realização plena das necessidades essenciais à vida. Em sua tese de doutoramento intitulada “A maldição da individuação: reflexões sobre o entrelaçamento prazer-medo e a expressão literária”, Franciscatti (2005, p. 12) pondera que: “Apesar das promessas de liberdade e de felicidade [...], os homens ainda vivem sob constante e intensa ameaça, pressionados e submetidos a renúncias infundadas, proclamadas em nome de uma adaptação integral e anacrônica”.

Destaca-se então os objetos-palco deste estudo: a renúncia erótica, bem como a compulsão à repetição, o prazer e as pulsões em Freud (1920/2010; 1930/2010) e em sua posterior releitura pelos frankfurtianos (HORKHEIMER; ADORNO, 1944/1994; MARCUSE, 2009). A maldição da individuação, como intitula sua tese, é tratada por Franciscatti (2005) como um estado de captura subjetiva dos sujeitos em que, frente à marcação de traços característicos da

mutilação advinda das condições precárias de sobrevivência e autoconservação, acabam por cicatrizar⁷ os lugares nos quais os sentidos foram danificados.

Mais especificamente, no capítulo de título “Formação e barbárie: aquém do princípio do prazer⁸; ainda sob o medo”, Franciscatti (2005) busca observar na obra de Freud os indicativos pelos quais a formação da subjetividade, o trabalho e o imperativo capitalista de desempenho se unem numa absorção da pulsão de vida através das (im)possibilidades de sofrer o outro; do medo da morte e o ódio como consequentes ao desligamento das potências de representação e expressão. Nesse sentido, para ela, as manifestações de destruição derivam da própria renúncia erótica imposta pela ordem da dominação, e não como apontado em “O mal-estar na civilização” (FREUD, 1930/2010); em que a mesma é tida como um impulso agressivo originado e principal representante da pulsão de morte (FRANCISCATTI 2005).

Consonantemente, também Brumano (2022) explora a retomada da pulsão em sua releitura frankfurtiana. Em sua obra, faz uso da interpretação filosófica do pensamento de Freud em “Eros e Civilização”, de Herbert Marcuse (2009), para analisar as intersecções entre essas correntes de pensamento em se pensando a dinâmica dual da pulsão e as condições de fundação da civilização. Assim, o autor destaca o conflito entre as forças de Eros e Tânatos e retoma a capacidade de Eros em gerar prazer e evitar o sofrimento, como ressaltado por Freud (1930/2010), bem como também ressalta as dificuldades enfrentadas diante dos mecanismos sociais de repressão e da existência inevitável de uma pulsão hostil à própria civilização.

Segundo as vistas de Brumano (2022), sobre a obra de Marcuse (2009), percebe-se uma absorção da vida psíquica interior dos indivíduos pelas exigências da vida pública, política e categorizada, a que se manifesta na regulação da repressão social, indicando que o “princípio de realidade não apenas altera a forma e o tempo relativos ao prazer, mas também a própria ‘substância’ do prazer” (BRUMANO, 2022, p. 119 apud MARCUSE, 2009). A retomada marcuseana em torno das pulsões apresentada pelo autor evoca o modo com que, tanto filogenética quanto ontologicamente, a subjugação do princípio de prazer pelo de realidade se dá por meio da materialização da cultura, através dos sistemas de instituições, o que faz com que os desejos humanos escapem ainda mais aos próprios sujeitos no esforço psíquico de adequarem-se às exigências da cultura.

⁷ Necessário o destaque à escolha do termo pelo fato de o mesmo, em referência ao ensaio de título “Sobre a gênese da burrice” (Horkheimer; Adorno, 1944/1994, p. 120), reconstituir metaforicamente seu significado ao evocar o caráter de apreensão do mundo através do sentido do tato e suas consequências quando da deformação pela mutilação da realidade objetiva e a compulsão à repetição.

⁸ Referência ao aforismo homônimo de número 37, escrito por Theodor Adorno em “Minima Moralia” (1944-1947/1993).

Dentro desse contexto, tendo em mente a existência desta razão econômica governada pelo princípio de realidade, na qual “a árdua luta pela existência” ocorre também no campo da produção dos meios materiais para a reprodução da vida, Brumano (2022, p. 120) argumenta que as metas gratificantes das pulsões ligadas à reprodução da vida através de Eros – a manutenção dela mesma, a capacidade para o acaso – são capturadas pela demanda social de trabalho, produção e desempenho. Em suas palavras:

Em uma sociedade orientada pelos interesses de dominação a dessexualização do organismo, a repressão da sexualidade, torna-se uma exigência social para que os corpos possam ser explorados como instrumento de trabalho. O princípio de prazer não foi subjogado somente porque era incompatível com o progresso da civilização, mas, porque era incompatível com um modelo de civilização que está orientada nos interesses de dominação e exploração do trabalho. (BRUMANO, 2022 p. 122).

Destarte, pode-se dizer que há uma diminuição libidinal da pulsão de vida ao desviar parte dessa energia para tornar a pulsão de morte inofensiva, canalizando-a para objetos do mundo externo (BRUMANO, 2022). Para o autor, ao mesmo passo em que essa dinâmica incidente na pulsão de vida instala em Eros um componente sádico, uma outra parte dessa energia, também destrutiva, acentua a permanência do masoquismo no organismo. Em ambos os casos, as investigações de Brumano revelam que a sobrevivência fica vulnerável à subserviência, uma vez que “as restrições sociais impostas à sexualidade enfraquecem a pulsão de vida, fortalecendo, como resultado, a pulsão de morte” (p. 123).

Semelhantemente, Franciscatti (2005) recorda-nos que a própria repressão da pulsão, tanto em seu caráter erótico, sexual, quanto agressivo, é empreendida frente à possibilidade de uma cultura detentora de maior liberdade (tendo a segurança desejada); e maior felicidade, sob a promessa de alguma gratificação ao que foi adiado. Para ela, em se tratando da cultura como espaço de proteção e satisfação das necessidades de sobrevivência, a natureza é substituída para que se apazigue o medo, tornando possível que mesmo as imposições primevas de autoconservação sejam elaboradas ao terem parte de seus impulsos voltados para as finalidades sociais e históricas. Manteria-se a repressão das pulsões, assim, “somente àquilo que é preciso para a formação de um eu diferenciado e autônomo – condição para que todos vivam a vida livre e feliz” (p. 42). Conforme a autora, é exatamente por poder ressaltar a imanência da cultura ao homem, que os autores frankfurtianos tornam-se capazes de verificar os elementos progressivos e regressivos entre natureza e cultura, sob a qual o indivíduo resulta da possibilidade de diferenciação. Acerca da pulsão, nesse íterim, ela diz:

Na relação entre natureza e cultura surge a possibilidade da formação do indivíduo, de membros particulares de uma coletividade que percebem a diferenciação de um espaço interno que recebem o choque proveniente das pressões internas e externas. A pulsão, como algo da natureza humana, presente em cada ser particularizado em seu registro de representante psíquico entre o somático e o mental, traz a marca da cultura, as inscrições das modificações sociais e históricas especificadas nos membros próprios da espécie humana. (FRANCISCATTI, 2005, pp. 43-44).

Nessa investigação sobre a transversalidade em torno de sujeito e cultura, Franciscatti (2005, p. 45) retoma ainda a própria concepção de civilização para Freud em sua obra *homônima*. Em sua concepção, Freud (1930/2010) destaca da cultura, em diferenciação às outras espécies, tanto a capacidade de explorar o conhecimento e a aquisição de bens culturais, quanto a eleição de instituições detentoras do manejo e distribuição desses bens obtidos. Segundo a pesquisadora, esse raciocínio freudiano acerca da apropriação da natureza pela cultura opera sob a tentativa de domínio dessa natureza em prol das necessidades humanas, fazendo com que o homem forme e seja formado pela cultura. O que se desdobra nas releituras dessas relações iniciais, contudo, é que a mesma necessidade de dominação também incide na instituição de desigualdade entre os homens à medida em que passa a haver certa gratificação na apropriação dos bens culturais (FRANCISCATTI, 2005, p. 45).

Acerca das noções de apropriação, Freud (1930/2010) considera que a supressão da da propriedade privada ocasionaria num sacrifício de uma parcela importante do gosto humano pela agressividade, traço poderoso na era pré-histórica, antecedente ao advento da propriedade. Não obstante, marca-se também a necessidade de um enfrentamento às restrições pulsionais à medida em que “A insatisfação pulsional instaurada como modo de vida para a maioria acaba ocasionando, primordialmente, mais sofrimentos e mais agressividade na manutenção da sobrevivência” (FRANCISCATTI, 2005, p. 45).

Diante dessa cisão entre natureza e cultura, contudo, obtém-se dela um traço de subtração permanente, comuns à teoria crítica e à psicanálise: o de que a realização da humanidade só ocorre dentro dela mesma, na convivência aos pares. Dentre algumas diferenciações conceituais, destaca-se o conceito de alienação. Para os frankfurtianos, esse termo se refere ao movimento formativo da alteridade; atua na introjeção do outro em si para que assim possa reconhecer-se, confrontado e reconciliado nas semelhanças e diferenças (FRANCISCATTI, 2005, p. 46). A temática do particular e do universal é também tensionada à medida em que “traz a apropriação subjetiva da objetividade e a expressão da subjetividade como objetividade humana” (p. 47), indicando que dessa relação intrínseca, o singular deve voltar a fazer consciência de si perante o outro e esse, o universal, faz do particular a fonte de seus interesses. Denota-se, então, a reafirmação de um importante movimento à formação dos homens; o

reconhecimento tanto da possibilidade quanto da necessidade de desenvolvimento de uma organização “sem escravos e sem escravidão, sem desigualdade nos modos de apropriação dos bens culturais” (p. 47).

Tal como Freud (1930/2010) também denuncia, o desequilíbrio entre o que é realizado e o que é possível às vidas existentes concebe-se como barbárie: “se na ordem dada pela dominação, a civilização progride regredindo, no mais progressivo encontra-se o mais regressivo” (FRANCISCATTI, 2005, p. 52). Em posse disso, denota-se a persistência da barbárie ao passo em que as condições objetivas, centralizadas nos princípios da civilização, são mantidas ao longo dos tempos. O fracasso da cultura se eleva, então, como razão objetiva da barbárie; a falta de satisfação e segurança que deveriam inexistir na cultura, valem-se dela para existir.

Retroativamente, pode-se dizer que não é de todo contra o homem que a violência se instala, mas contra seus interesses racionais, satisfazendo-se de elementos psíquicos para que possa aderir-se a essa realidade (FRANCISCATTI, 2005). Torna-se necessário, portanto, compreender os modos com que a realidade objetiva, danificada em sua introjeção ao particular – uma vez gastos os esforços na domesticação da pulsão de morte – torna a repetição diferencial repetição mesma; apreensão de uma racionalidade irracional. Pensar o modo com que o prazer e o medo se estabelecem nesses moldes de subjetivação possibilitam uma elaboração da barbárie e, com ela, possivelmente reconhecer maneiras de tornar os estados de mera sobrevivência estados verdadeiramente humanos em suas realizações.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em posse do que foi exposto, torna-se preciso denunciar, expressar, registrar e testemunhar os pontos de fuga a serem utilizados ao lidar com a intensificação do sofrimento próprio e alheio; procurar a fruição do prazer diante do medo sem que se aprisione o encontro com a diferença e, principalmente, estabelecer na produção da vida uma percepção não resignada ao contraste com a morte. Tal como pode-se ver, tanto a psicanálise quanto a teoria crítica de Frankfurt estabelecem condições teóricas para que o mal-estar na cultura possa ser elaborado. Bem como postulou Freud (1915/2010), o próprio caráter perverso-polimorfo da pulsão permite que a mesma transite entre diferentes graus do desenvolvimento psíquico e, conquanto, da apreensão da realidade. Concordantemente, Marcuse (2009, p. 62) acrescenta:

As perversões expressam a rebelião contra a subjugação da sexualidade à ordem de procriação e contra as instituições que garantem essa ordem. [...] As perversões parecem rejeitar a escravização total do ego do prazer pelo ego da realidade. Procla-

mando a liberdade instintiva num mundo de repressão, caracterizam-se frequentemente por uma forte rejeição do sentimento de culpa que acompanha a repressão sexual.

Indica-se, com isso, as possibilidades de um retorno ao humano as suas potencialidades de transformação, repetição diferenciada. A capacidade para a imprevisibilidade, de abertura e de encontro com a diferença eleva-se como possível e necessária. Mesmo em Freud (1920/2010), ao compreender o princípio de prazer como originado do princípio de nirvana⁹, tem-se que a introdução de novas tensões é o traço mínimo para que haja a diferenciação entre os princípios básicos do funcionamento mental: a integração da substância viva frente ao novo em oposição aos “processos vitais do indivíduo que conduzem por razões internas, a uma abolição das tensões químicas, equivalente à morte” (FRANCISCATTI, 2005, p. 54).

Por outro lado, se em Eros converge-se na sexualidade a reprodução e manutenção da vida, o medo enquanto fundamento do projeto de humanização propulsiona a apreensão do conhecimento a converter-se em explicação, movimento esse calcado na introjeção (ir)racional da realidade objetiva (FRANCISCATTI, 2005). Desse modo, os vestígios da cisão entre natureza e cultura marcam, na percepção sobre o medo da morte, um contraste resignado.

O reforço de Eros emerge como uma defesa eficaz contra a ameaça representada pelo impulso agressivo da pulsão de morte. Para fortalecer as pulsões eróticas, seria crucial que a sociedade estimulasse os impulsos sexuais reprimidos, promovendo assim vínculos afetivos que poderiam conter o potencial destrutivo das pulsões de morte. No entanto, a sociedade contemporânea, na qual estamos inseridos, administra as pulsões básicas de forma a direcionar sua energia para a produtividade, visando principalmente o lucro.

Nesses termos, conforme Brumano (2022), a única maneira de estimular os impulsos sexuais para cultivar laços afetivos seria por meio da transformação radical da estrutura social existente – uma ruptura com as instituições estabelecidas, a ordem política e social, o modo de produção e as relações econômicas estabelecidas – em favor de uma nova forma de organização social orientada por Eros. No entanto, a energia erótica por si só não é capaz de provocar tal transformação, pois não possui o impulso para a agressividade.

Para Brumano (2022), seria necessário empregar a força destrutiva da pulsão de morte para dismantelar a estrutura social, política e econômica vigente. Nesse cenário, Eros

⁹ Trata-se de um conceito inicialmente proposto pela psicanalista Barbara Low, tendo Freud incorporado também em sua teoria. Enquanto o princípio do prazer empenha-se no caráter qualitativo em torno das tensões e o princípio de realidade adia a tensão prazerosa aceitando momentaneamente o desprazer, o princípio do Nirvana – ou de constância – busca a remoção quantitativa da tensão gerada pelos estímulos (BRUMANO, 2022).

direcionaria e canalizaria a explosiva energia dos impulsos de morte para alcançar seus objetivos. Conforme discutido anteriormente, as pulsões sexuais têm a capacidade de desviar parte da energia destrutiva para seus próprios propósitos. Estimular a agressividade, de modo a orientá-la socialmente para a destruição da organização que sustenta a estrutura de dominação estabelecida, seria uma forma de a pulsão de vida utilizar o poder destrutivo da pulsão de morte para construir uma sociedade radicalmente diferente, voltada para os ideais de Eros.

Um exemplo de prática incapaz de aliar-se à pulsão de morte e, ainda, conduzir o organismo a uma elevação do prazer de modo refinado, é a prática artística e literária (FREUD, 1920/2010; 1930/2010). Também para Franciscatti (2005), a experiência estética da literatura registra e provê o enlace de uma condição privilegiada de contato e reflexão ao momento da maldição da individuação. Para ela¹⁰, a literatura se eleva ao lugar de testemunho e possibilidade de transformação, apresentando-a em três dimensões que acontecem concomitantemente: a primeira, que diz respeito ao caráter literário de *expressão*¹¹, testemunho e manifestação perante o sofrimento injustificado e a natureza expropriada; a segunda dimensão, sob condição de resistência, por não realizar-se na aliança à pulsão de morte e, a terceira, na tentativa de transformação do existente que habita no que escapa às cicatrizes. O estudo por sobre a relação entre a potência erótica da criação literária e a sua absorção pelos imperativos de sobrevivência no capitalismo tardio é essencial para a compreensão das complexidades humanas sob as pressões sociais e econômicas contemporâneas. Nesse contexto, a literatura desempenha um papel crucial como uma forma de resistência e recuperação das representações de Eros. Acerca desse aspecto da escritura literária e a teoria frankfurtiana, Franciscatti (2005, p. 127) nos diz:

É preciso não esquecer: ‘os proscritos despertam o desejo de proscreever’ (Horkheimer e Adorno, 1944, p. 171). E quem, qual atividade humana, ainda representa a atitude de *proscreever* perante o princípio de realidade da ordem da dominação e da renúncia? Considera-se que a *expressão artística*, aqui especificamente referida à *expressão* literária, e a *experiência estética* dela proveniente guardam potencialidades libertadoras diante do sofrer a maldição da individuação.

Por fim, esta breve justaposição entre os conceitos freudianos aqui apresentados e a releitura deles na perspectiva frankfurtiana denotam diversas convergências e divergências. A

¹⁰ Ver também: VIANA, C. M. J. & FRANCISCATTI, K. V. S. (2015). Impasses da natureza humana: semiformação e arte como anamnese da história. *Psicologia & Sociedade*, 27(1), 13-23.

¹¹ Uma outra particularidade da escolha vocabular: o termo *expressão* advém da noção adorniana de que a moção pulsional perpassante à criação literária não se limita ao recalque/censura, ao mesmo passo em que se realiza potencialmente na crítica à sociedade (ADORNO, 1944-1947/1993).

elaboração dos caminhos pulsionais tangentes à realidade material, o prazer e o medo, as repetições, enfim, Eros e Tânatos, somente são possibilitados diante do contato com o outro. O contraste estabelecido fora da ordem da dominação permitiria “a continuidade do perder-se, do estar aberto aos conteúdos que o diferente proporciona, para se formar, no retorno ao que já se tem diferenciado como próprio, como um outro de si” (FRANCISCATTI, 2005, p. 65).

Ademais, em se tratando de tamanha extensão bibliográfica e, como resultado parcial de uma pesquisa, as propostas reflexivas aqui apresentadas não se limitam a este artigo. A retomada da psicanálise freudiana pela Escola de Frankfurt exige e somente se realiza na abrangência ampliada de suas propostas, visto que mesmo a obra de Freud sobre tais assuntos é vasta e sofre modificações dialéticas ao curso de todo o seu desenvolvimento, bem como o que resulta delas pelos filósofos críticos da cultura. Elegeu-se o tema das pulsões por advenir dele uma suficiente gama de explorações para o presente trabalho sem que se perca de vista os limites que as elaborações advindas de uma iniciação científica podem vir a apresentar, indicando a necessidade de continuidade do estudo em outros âmbitos, temas e amplitudes – tal como numa futura adoção da literatura enquanto mecanismo sublimatório apontado pelos autores em possível saída aos estados de barbárie e embrutecimento dos homens, torna-se possível um vislumbre aos caracteres de testemunho, resistência e transformação advindo das artes.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. **Mínima moralia; reflexões a partir da vida danificada** (1944-1947). 2 ed. São Paulo: Editora Atica, 1993.

BRUMANO, D. A. C. A luta entre Eros e Tânatos uma interpretação social e política da teoria das pulsões de Sigmund Freud. **Das questões**, v.14, n.1, p. 109-127, 2022.

FRANCISCATTI, K. V. S. **A maldição da individuação reflexões sobre o entrelaçamento prazer-medo e a expressão literária**. Tese (Doutorado em Psicologia: Psicologia Social) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP, São Paulo, 2005.

FREUD, S. Além do princípio do prazer (1920). In: FREUD, S. **Obras completas**, v.14. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. Introdução ao narcisismo (1915). In: FREUD, S. **Obras completas**, v. 12. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. Novas conferências introdutórias à psicanálise (1933). In: FREUD, S. **Obras completas**, v.18. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. O mal-estar na civilização (1930). In: FREUD, S. **Obras completas**, v.18. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. O poeta e o fantasiar (1908). In: FREUD, S. **Arte, literatura e os artistas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. (Obras incompletas de Sigmund Freud).

FREUD, S. Psicologia das massas e análise do eu (1921). In: FREUD, S. **Obras completas**, v.15. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

GARCIA-ROZA, L. A. **Acaso e repetição em psicanálise**. 4 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

HORKHEIMER, M.; ADORNO, W. **Dialética do esclarecimento** (1944). In: Fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

MARCUSE, H. **Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud**. Trad. Álvaro Cabral. 8ed. Rio de Janeiro: LTC, 2009.

MCGUIRE, W. **Freud/Jung: correspondência completa**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

ROUANET, S. P. **Teoria crítica e psicanálise**. 2 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1986.

VIANA, C. M. J.; FRANCISCATTI, K. V. S. Impasses da natureza humana: semiformação e arte como anamnese da história. **Psicologia & Sociedade**, 27(1), 13-23, 2015.